

HISTORICIZAÇÃO DA TRAJETÓRIA DE REMANESCENTES DE QUILOMBOS NA COMUNIDADE VILA DAS ALMAS NO MARANHÃO

Dalva de Araujo Menezes (1); José Roberto Menezes dos Santos (1); Karla Adriana Batista de Jesus (2); Carolina Freire Farias (3); Raimunda Rosilda Sales Dias (4)

Faculdade de Ensino Superior de Parnaíba – FAESPA, dalva.araujophb@gmail.com; Faculdade Internacional do Delta – FID, robertomenezesphb@hotmail.com; Faculdade Internacional do Delta – FID, karlaabj.14@hotmail.com; Prefeitura Municipal de Parnaíba – PMP, carolinafreirefarias@hotmail.com; Faculdade de Ensino Superior de Parnaíba – FAESPA, rosildasalesphb@hotmail.com;

Resumo: O presente artigo traz uma breve contextualização referente o que foi pesquisado a respeito da memória e identidade entre lutas e conquistas da Comunidade Quilombola Vila das Almas na cidade de Brejo no Maranhão. Assim, surge a intenção de responder o seguinte problema: Que relatos foram mencionados pela população da Comunidade Quilombola Vila das Almas a partir da memória, identificando suas lutas e conquistas para o entendimento da sua identidade como remanescentes de quilombos? Traçamos como objetivo geral: Compreender o processo de formação das identidades coletivas e das memórias da Comunidade Quilombola Vila das Almas no contexto dos anos 1998 a 2016, no sentido de problematizar seus principais embates e relações entre si e entre os grupos sociais que circundam tais comunidades. Para o embasamento teórico, a pesquisa foi fundamentada em alguns autores como: Maia (2012); O'Dwyer (1995), Souza (2016), Lobão (2014); Halbwachs (2004) dentre outros livros, artigos e Leis. Optamos pela abordagem qualitativa, utilizando como técnica de coleta de dados a observação e a entrevista semiestruturada. Este estudo buscou espaço para dar continuidade a investigação, a compreensão e a oportunidade de expressão desses sujeitos.

Palavras-chave: Memória, Identidade, Comunidade Quilombola, Lutas e conquistas.

INTRODUÇÃO

O presente artigo faz uma análise sobre a historicização dos Remanescentes de Quilombos no território brasileiro com base em estudos teóricos, foi realizado um estudo para entender a configuração dessa história.

Este artigo tem como finalidade analisar a constituição das identidades e das memórias dos moradores em uma comunidade quilombola, sendo que a comunidade pesquisada está localizada no povoado chamado Vila das Almas, há uns 25 km do município de Brejo/MA, a uma distância de 315 km da capital São Luís – MA. É certificada como comunidade quilombola desde 30.09.2005 pela Fundação Cultural dos Palmares – FCP e encontra-se em processo de reconhecimento no INCRA. A comunidade possui aproximadamente 500 famílias, portanto é considerada uma comunidade de território extenso.

Por muitos anos essa comunidade lutou por conquistar sua identidade e territorialidade para obtenção da visibilidade no seio da sociedade, diante disso ficaram invisíveis da população regional. É decorrente de vários noticiários a perturbação dos

latifundiários com a Comunidade Vila das Almas. Essas informações são obtidas através da memória dos moradores daquela comunidade.

Portanto, conhecer mais sobre essa comunidade quilombola, Vila das Almas no Estado do Maranhão, foi importante para a produção desta pesquisa, para que este povo consiga ter suas lutas reconhecidas academicamente, para que esta comunidade tenha em suas memórias e em sua identidade fontes de estudos para outras pesquisas a serem realizadas.

Esta pesquisa tem como objeto central de estudo a possibilidade de investigar as memórias e a produção de uma identidade coletiva dos moradores da Comunidade Quilombola Vila das Almas, evidenciando suas lutas e conquistas ao longo deste período. Também, não podemos deixar de relatar nesta pesquisa, a partir da memória do povo da Comunidade Quilombola Vila das Almas no Estado do Maranhão, que esta luta para conquistar seu espaço territorial não foi fácil, na qual percebemos que politicamente essa luta durou por muito tempo, pois conseguimos captar essas informações através de um primeiro contato que tivemos com a Comunidade Quilombola Vila das Almas, através de relatos vivenciados por algumas pessoas dessa Comunidade Quilombola.

Para tanto, elencamos como problemática para essa pesquisa a seguinte indagação: Que relatos são mencionados pela população da Comunidade Quilombola Vila das Almas a partir da memória, identificando suas lutas e conquistas para o entendimento da sua identidade como remanescentes de quilombos?

Assim, delimitamos como objetivo geral desta pesquisa: Compreender o processo de formação das identidades coletivas e das memórias da Comunidade Quilombola Vila das Almas, no sentido de problematizar seus principais embates e relações entre si e entre os grupos sociais que circundam tais comunidades. E como objetivos específicos destacamos: (i) Perceber o processo de formação de uma identidade coletiva por meio das memórias dos moradores da Comunidade Quilombola Vila das Almas – MA, a fim de entender se sentem de fato herdeiros de uma tradição quilombola; (ii) Fazer um levantamento das memórias das pessoas que vivenciaram momentos de conflitos envolvendo o poder público e a posse das terras; (iii) Compreender as relações dos habitantes atuais com as memórias dos seus antepassados e com os grupos ao redor.

A partir das memórias dos moradores da Comunidade Quilombola de Vila das Almas, esta pesquisa recorre à obtenção de relatos sobre suas lutas e conquistas para aquisição da identidade do povo quilombola existente naquela região. Em se tratando da contribuição para a sociedade e academia, este trabalho tem ainda como intuito investigar a Comunidade Quilombola Vila das Almas a partir da memória, identificando suas lutas e conquistas para o

entendimento da sua identidade como remanescentes de quilombos, com isso, tentaremos colaborar no sentido da valorização da cultura e levar ao conhecimento público a relevância que este povo tem para a população brasileira.

Com esse pensamento, foi proposto um diálogo com os moradores da comunidade, para que nossos questionamentos fossem esclarecidos de forma que pudéssemos ter um diálogo entre pesquisador, entrevistados e os teóricos que estudam a respeito do assunto. Em dado momento, em visita a esta comunidade, nos despertou a curiosidade das memórias ali existentes e sua construção identitária para conquistar a visibilidade na sociedade.

DIALOGANDO COM OS ASPECTOS LEGAIS DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS

Para uma melhor compreensão das Comunidades Quilombolas, iremos tomar como base o Decreto 4.887 de 20 de novembro de 2003, que traz o procedimento de regularização dos povos quilombolas. Primeiramente o Decreto destaca em seu Art. 1º os procedimentos administrativos para regularização das comunidades quilombolas, vejamos:

Art. 1º Os procedimentos administrativos para a identificação, o reconhecimento, a delimitação, a demarcação e a titulação da propriedade definitiva das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos, de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, serão procedidos de acordo com o estabelecido neste Decreto.

Ainda sobre o Decreto, no Art. 2º traz considerações de quilombolas a partir de uma regularização com base legal. Especificando os critérios que consideram como remanescentes de quilombos. Neste artigo ainda é enfatizado a auto-atribuição, a trajetória histórica própria e relações territoriais específicas, que consistem nos critérios para sua regularização junto ao INCRA. No Art. 2º segue:

Art. 2º Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste Decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida.

Vejamos, que a partir desses artigos, deste 2003, se consolidou os processos de identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das propriedades de

Comunidades Quilombolas, resguardando os seus direitos e, uma definição clara e objetiva das considerações de Remanescentes dos Quilombos, partindo de sua auto atribuição que estabelece os critérios do INCRA com a primeira etapa de auto reconhecimento.

Queremos aqui deixar claro, que a partir desses dois artigos é que as Comunidades Quilombolas têm seus direitos vigorados, pois o auto reconhecimento é peça fundamental para o início do processo de regularização das terras, e com base no conceito de ser grupos étnicos-raciais, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas relacionada com suas resistências. É importante ainda ressaltar que:

A história mostra que a escravidão no Brasil, extrapolou em todos os aspectos quando comparada com outros países, pois aqui teve vida longa, desde o início da colonização até fins do século XIX. Se em muitas colônias do Novo Mundo a independência nacional veio junto com a abolição, aqui se destacou como último país a implementá-la. [...] Conseqüentemente, o tecido social que se opôs durante todo o período da escravidão foi à resistência negra (MAIA, 2012, p. 21).

Diante do diálogo de Maia (2012), é notório perceber que essa “resistência negra” se perdura até hoje, em que os negros tentam se opor ao respeito e a socialização entre a sociedade. Assim, os diálogos bibliográficos e teóricos que serão utilizados nesta pesquisa partirão dos conceitos e fundamentação dos seguintes autores: Lobão (2014); dentre outros livros, artigos e Leis.

Mostrando os valores desse povo para sociedade, de maneira que esta conheça e respeite as Comunidades Remanescentes de Quilombolas com vistas aos ensinamentos culturais e enriquecimento. A partir dessa contextualização, adentramos nos conceitos que alguns autores trazem sobre os remanescentes de quilombolas. E em contrapartida falaremos da invisibilidade deste povo. Para Souza (2006, p. 49),

A invisibilidade social do afro-brasileiro manifesta-se, ainda na incapacidade de enxergá-lo fora dos papéis sociais a ele destinados pela sociedade. Em determinados papéis, a presença do afrodescendente é ‘naturalizada’; na maioria das cidades brasileiras vê-se como ‘normal’, por exemplo, um número majoritário de negros exercendo funções de subalternidade em empregos de baixa remuneração, circulando pelo centro da cidade e pelos chamados bairros nobres no exercício de tais funções, situações em que quase não são notados como pessoal, fazem parte do cenário – são invisíveis.

Assim, a maioria da sociedade ver invisível o afro-brasileiro, pois é natural um trabalho subalterno para este povo e conseqüentemente com uma baixa remuneração e longe dos papéis sociais que circula pelos centros das grandes cidades. Considerando essa

invisibilidade que a sociedade tem para com o negro, e conseqüentemente para os Remanescentes de Quilombolas, trazemos neste estudo o seu conceito, tendo em vista a apreciação de sua resistência ao longo dos anos.

Com base no conceito de O'Dwyer (1995), ela destaca que o termo quilombo não se trata de grupos isolados ou de uma população estritamente homogênea, e também não se refere a resquícios arqueológicos de ocupação por pouco tempo, e nem são comunidades rebeladas, mais sim constituem-se em grupos que desenvolvem práticas cotidianas de lutas e resistências na conservação e reprodução de seus modos de vida característicos. Já para Arruti (2006) o conceito de quilombolas ampliou-se ao passar dos tempos, ele destaca que,

São grupos que desenvolveram práticas de resistência, na manutenção e reprodução de seus modos de vida. A territorialidade e a identidade são definidas por uma referência histórica comum, construída a partir de vivências e valores partilhados, pela sazonalidade das atividades agrícolas, extrativas e outras, e por uma ocupação de espaços que teria como base os laços de parentesco e vizinhança, assentados em relações de solidariedade e reciprocidade (ARRUTI, 2006, p. 28).

Percebemos diante desses dois conceitos dos estudiosos, que o termo quilombola, traz alguns contextos de relutância de africanos e seus descendentes na formação e defesa de territórios étnicos, que surgiram a partir de terras doadas, compradas, abandonadas e ocupadas, entre outras formas.

A partir desse primeiro momento do conceito de quilombolas, adentramos ao entendimento sobre *memória* e *identidade* da Comunidade Quilombola Vila das Almas em Brejo – MA, que é o objeto de estudo desta pesquisa. Para entendermos essa identidade que vive em constantes construções oriundas de memórias daquele povo, afirmamos que não é recente enquanto processo histórico, mas sim enquanto categoria jurídica e política, assim, compreendemos que as identidades são processos em constante e incessante construção, com o resgate histórico a partir das memórias.

A compreensão e o respeito aos significados que o homem e a mulher estabelecem para suas vidas levam-nos a pensar a identidade a partir das diversas culturas e entendê-la como um processo híbrido de raça, etnia, gênero, religião, histórias de vida, escolarização, etc. Neste sentido, a identidade será formada pelas relações que darão significados às experiências da vida, ou seja, a memória, possibilitando ao sujeito as identificações necessárias para que se agregue a um grupo e seus pertencimentos.

Segundo Halbwachs (2004) a memória individual existe a partir de uma memória coletiva, posto que todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo. A origem de várias ideias, reflexões, sentimentos que atribuímos a nós são, na verdade, inspirada pelo grupo. Ele acrescenta ainda que a memória apoia-se sobre o “passado vivido”, o qual permite a constituição de uma narrativa sobre o passado do sujeito de forma viva e natural, mais do que sobre o “passado aprendido pela história escrita” (Halbwachs, 2004, p. 75).

Maia (2012) traz a contribuição sobre memória contextualizando em seus estudos que foram apresentados em seu livro “Herança Quilombola Maranhense: história e estórias”, demonstrando o que aconteceu nas oficinas que foram realizadas para coletas de dados da pesquisa. Dessa maneira, segue,

É necessário que os membro das comunidades sintam-se, enquanto grupo social, construtores de um discurso identitários. Por isso, nas oficinas, a memória histórica é estimulada para fixar tudo o que, no passado, serviu para dar feição às suas diferenças étnicas e culturais, que formam uma tradição, às vezes ignorada pela tradição oficial (p. 37).

Fica perceptível na fala da autora, que houve um estímulo para aguçar a memória histórica, trazendo as diferenças étnicas e culturais deste povo. Ela ainda ressalta que é relevante que estas pessoas pertencentes a este grupo sintam-se dentro do contexto de um grupo social e que são construtores e sabedores de discursos fortalecendo sua identidade.

Assim, dentro desse contexto, a autora ainda destaca a importância da memória individual e coletiva marcada por um passado escravista. Dessa maneira, cria-se “estratégias consciente e mobilizadora de ações em duas frentes: do ponto de vista sociopolítico e do ponto de vista cultural”. Diante disso, entendemos que a partir das memórias vividas pela população da comunidade quilombola Vila das Almas, conseguimos compreender a identidade desse povo, a fim de identificar suas relações com seus antepassados.

METODOLOGIA

Na pesquisa que foi realizada, foram feitas análises bibliográficos sobre memória e identidade do povo Quilombola, com base nos seguintes livros: Quilombolas: resistência, história e cultura; Mocambos e quilombos: uma história do campesinato negro no Brasil; Relações étnico-raciais: para o ensino da identidade e da diversidade cultural brasileira; Liberdade por fio: história dos quilombos no Brasil; Escravidão no Brasil; Quilombos e

Quilombolas: passado e presente de lutas, dentre outros que foram utilizados para a elaboração desta pesquisa. Também foram analisados os documentos da associação de moradores da Comunidade Quilombola Vila das Almas a partir do ano de 1998 até 2016, com as informações dos embates e conquistas da comunidade.

Após as análises documentais dessas fontes de pesquisa, começamos a realização do contato mais próximo com a comunidade. Realizamos observações da vivência dessa população, participando das reuniões da associação de moradores para realizar a pesquisa exploratória e assim termos subsídios para a escolha dos entrevistados. As visitas aconteceram a partir do mês de julho de 2016 com a finalização no final do mesmo ano.

Após essa observação, foram realizadas as entrevistas com quatro moradores da comunidade, sujeitos da pesquisa. Estabelecemos os seguintes critérios para a escolha dos sujeitos: terem participação ativa na associação de moradores, e ter vivenciado as lutas e conquistas da comunidade durante a década de 1990 e anos 2000.

As entrevistas foram realizadas na própria comunidade, individualmente, e foram feitas perguntas semiestruturadas para melhor obtenção dos dados. Partindo do pressuposto que existe uma disputa em torno da memória destes personagens com relação ao espaço em que vivem, pensamos também em aprofundarmos os estudos na formação da memória coletiva destes no processo de concretização da posse da terra, dessa maneira, teremos respaldo para dialogar sobre a identidade dessa comunidade partindo de suas memórias.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Essa memória a partir da história oral permite um valioso conhecimento vivido e dinâmico de situações. A busca incessante pelo resgate histórico, a partir da memória do povo quilombola dessa comunidade, é importante para obtenção de sua identidade bem como para posteriores análises de fatos falados e observações realizadas *in loco*. A constatação de alguns entrevistados nos dá subsídios para essas comprovações históricas memoráveis.

Os quilombos, mesmo com o passar do tempo, são espaços de resistências e lutas pelos seus direitos muitas vezes excluídos por uma grande parte da sociedade. Quando falamos de luta e resistência ainda existente por essa comunidade não mencionamos somente ela, pois segundo a Fundação Cultural dos Palmares hoje existem mais de 3.500 comunidades espalhadas por todo território brasileiro que buscam a certificação como parte do processo para seu reconhecimento legal de regularidade de suas terras. Portanto, ao indagarmos sobre a atuação e seu reconhecimento dentro da Comunidade Vila das Almas, obtemos:

Entrevistado 1: Minha participação na comunidade é um trabalho de cultura com a juventude, onde vamos desenvolvendo questões de danças e a partir dessas danças a gente também desenvolve a questão da ética, de educação e cidadania. E por que fazer essas danças? Justamente pra que esse trabalho de resgate cultural de remanescente de quilombo não se deixe morrer ou se acabar. A gente trabalha com uma juventude que hoje em dia ela não é totalmente, não quer se reconhecer pertencente de uma área de quilombo, aí a gente tem que estar sempre indagando essas questões e buscando essas formas culturais, e através da cultura estar fazendo com que eles tenham esse gosto de pertencer a essa área.

Na fala é notória sua participação na comunidade, fazendo trabalhos de cultura que envolve os jovens da comunidade. Partindo das danças ele trabalha ética, educação e cidadania. Isso foi comprovado nas observações realizadas pelo pesquisador em alguns meses do ano de 2016. Vimos sua atuação na comunidade, ensinando as danças aos adolescentes e resgatando a identidade da cultura quilombola. Além disso, realiza reuniões semanais com os jovens para tratar do resgate dos valores. Essas reuniões normalmente acontecem na escola e/ou na igreja da comunidade.

Percebemos que é importante para esses jovens ter um discernimento nessa fase, construindo assim sua identidade, que é trazida pela memória dos seus antepassados. Ainda na observação vimos que o entrevistado procura fazer um resgate da cultura quilombola, pois os jovens não querem se auto reconhecer como remanescentes de quilombolas, que não pertencem a uma área de quilombo. Essa atitude do pesquisado mostra a importância da cultura e de pertencer a essa área. Segundo Almeida (2002), a identidade quilombola apresenta-se estreitamente vinculada às formas como esses grupos relacionam-se com seu território, como também com sua ancestralidade, tradições e práticas culturais. Ainda na complementação sobre atuação dos pesquisados na comunidade, a Entrevistada 2 fala que,

Minha participação dentro da comunidade eu posso dizer que é em tudo. Participo começando da direção da igreja, em várias coisas aqui, já fui presidente da associação da comunidade por quatro anos, já fui delegada sindical na comunidade também por quatro anos, já sou liderança quilombola peguei um pequeno curso na Faculdade de São Luiz e também trabalho no sindicato dos trabalhadores rurais hoje, também trabalhei oito anos como secretaria de mulher. O que eu mais procurei nesse período, foi conscientizar a nossa comunidade da nossa luta, e o que era o nosso direito pra que eles pudessem ter na cabeça, pra eles não deixarem fugir o foco de o que é ser quilombola, qual foi a nossa luta, qual foi o nosso sofrimento, isso foi o que eu mais busquei, ainda tive reunindo em todas essas comunidades da Data, com todos os outros presidentes da comunidade explicando, por é assim: hoje você esta lutando aqui, amanhã você morre, e o que você sabe

não passou pra ninguém, e o que adiantou você morre e leva o seu saber o que fica é as outras coisas.

Percebemos que ela é uma participante da luta quilombola, e no exercício dos seus cargos busca os direitos que a comunidade possa vir ter para o melhoramento dos mesmos. No seu cotidiano procura sempre o melhor para todos. Também foi observado durante o período dentro da comunidade que todos os moradores a conhecem e veem nela o ponto de apoio para a luta do reconhecimento e respeito para com a comunidade. Com essa luta, busca com que a própria comunidade se reconheça como quilombola, pois a luta não foi fácil. Dessa maneira, observamos que a luta das comunidades negras recorre ao seu direito à liberdade, cidadania e igualdade dentro do contexto social e reivindicações pela posse da terra, pois são formadores dessa identidade étnica.

Assim, percebemos que no Brasil existe uma dívida secular com a população negra, além das outras classes sociais marginalizadas. Essa dívida perdura até hoje, mas vem diminuindo em passos lentos a partir da resistência e lutas desse povo e dos grupos sociais que avançam dia após dia pelo seu reconhecimento, valorização e direito pelas suas terras. Foi observada nas falas dos sujeitos dessa pesquisa essa luta por reconhecimento e essa identificação de ser quilombola.

No decorrer da pesquisa verificamos a discriminação pela própria cidade vizinha, que “acolhe” a comunidade Vila das Almas. Muitas pessoas preferem não ir à cidade, pois algumas pensam nesse preconceito que as demais pessoas têm com eles, principalmente os mais jovens. A esse respeito, a Entrevistada 3, participante dessa pesquisa, nos relata a vivência com seus amigos dentro da comunidade:

Na convivência que temos entre amigos, até porque a faixa dos meus amigos é mais jovem do que eu, nós não vemos muito essa identificação por ser um quilombola, antes de eu fazer o meu curso de pedagogia da terra eu também não tinha essa mentalidade de ser ou não um quilombola, mas agora eu me considero uma pessoa quilombola não por morar num lugar remanescente de quilombo, mas eu me identifico como tal característica, mas na minha convivência com os meus amigos a gente vê alguns preconceitos por essa parte de ser quilombola, ser negro até por que muitas vezes eles sofrem preconceito, mesmo que inconsciente, dissimulado, a gente sofre com o preconceito. Essa questão de se identificar como negro eles às vezes ficam acanhado, encurralados, então é mais difícil essa questão de auto-reconhecimento do negro como quilombola.

É perceptível na fala da entrevistada que muitos dos seus colegas não se reconhecem como descendentes de quilombolas, por sofrerem preconceitos. Dessa forma, a

população jovem da comunidade Vila das Almas se sentem encurralados pela sociedade, que ainda é preconceituosa. Este preconceito é sinal de uma sociedade fraca, ignorante, intolerante, e essa discriminação carrega uma violência simbólica, que provoca inúmeras ocasiões de constrangimentos e exclusão da pessoa. Quando este comportamento é revelado pode prejudicar o desempenho dos jovens que ali habitam. Assim, a Entrevistada 2 ainda complementa:

Para dizermos que somos descendentes de escravos foi o momento mais difícil, nós colocamos na cabeça da comunidade, da juventude, porque os mais jovens tinham vergonha. Pois quando alguém ia falar para os meninos que eles eram quilombolas, ficavam jogando piadas, sempre tem pessoas que gostam de chacotas, e eles ficavam com vergonha.

Dessa maneira, enfatizamos uma questão que é mal compreendida pela sociedade, o isolamento por parte de algumas comunidades quilombolas. A partir do seu isolamento territorial se tornam invisíveis por esta sociedade que pouco conhece o verdadeiro sentido e significado das comunidades quilombolas existentes no País. Para esse reconhecimento positivo do negro são necessários mecanismos que garantam sua inserção na sociedade efetiva. Sendo assim, busca-se por meios de novas concepções e de uma conscientização da sociedade compreender como são estabelecidas as relações raciais dos espaços de nossa sociedade como uma comunidade quilombola, bem como sua contribuição para a formação de sua própria identidade. Em contrapartida, há na comunidade quem se orgulhe de ser quilombola e se reconhece como tal, como podemos observar na fala do Entrevistado 4, que destaca o orgulho de viver na comunidade Vila das Almas.

A gente se orgulha de ser remanescente de quilombo, porque aqui a gente nasceu, viveu aqui nessa luta, então nós nos orgulhamos muito disso, assim mesmo com a vida difícil como é a nossa, de roça, pesca, quebra de coco babaçu, farinhada, mas protegemos essa terra que nos dar sustento. Mesmo com dificuldades, me orgulho de ser remanescente de quilombo, sempre a luta é muito difícil. Mesmo essa luta sendo difícil me identifico como quilombola.

Percebemos no relato acima um grande orgulho de pertencer a uma comunidade quilombola, mesmo que em vários momentos da sua fala destaca as dificuldades de morar na comunidade e as formas de trabalho. Durante o período de observação constatamos que a luta é difícil, no entanto, permanecem firmes e fortes para essa batalha cotidiana. A luta dentro do quilombo é uma característica evidente em praticamente todos os quilombos rurais do

território brasileiro. Essa é uma realidade visível nas pesquisas antropológicas, políticas e educacionais já divulgadas.

Ainda ressaltando as formas de trabalho na comunidade quilombola, Lobão (2014) destaca que essas práticas são tradicionais de uso da terra e seus recursos naturais, o que chamam de “práticas sustentáveis”, por não danificar e destruir o meio ambiente, conservando o local habitado. Dessa forma, permite que a comunidade se mantenha por muitos anos protegida, tendo uma alimentação da colheita do próprio meio ambiente.

CONCLUSÕES

Dentro do contexto do próprio resultado desta pesquisa, ficou evidente a memória aflorada dos moradores que contribuíram com essa investigação. Começamos pelos jovens que ainda não internalizaram seu auto reconhecimento como remanescentes de quilombolas, pois o preconceito ainda é uma luta constante em busca deste respeito. Mas é importante ressaltar que há uma organização dentro desta Comunidade, pois embora haja especificidades, os quilombolas entendem a terra como coletivo, é vista como um bem de todos e que a luta também tem que ser coletiva.

Para isso, é uma luta fortalecida pela esperança de que o conhecimento de sua história garanta finalmente a conquista definitiva do Território por meio da titulação, mas para, além disso, esperam pela vitória da conquista de seu espaço dentro da sociedade que ainda lhes são negados. Desta maneira, entendemos que trazer uma comunidade quilombola para dentro da academia é essencial para que futuros pesquisadores possam ter o interesse de realizar novas investigações acerca deste povo que ainda são esquecidos pela sociedade, e dessa forma, não serem mais invisíveis aos nossos olhos.

Portanto, projetar as experiências dos moradores de comunidades quilombolas, a partir da academia, será ser importante para compreender outras formas de forjar identidades coletivas e as memórias desses moradores. Do ponto de vista da educação, essa pesquisa se relaciona com as discussões sobre História e Identidade e História e Memória, em articulação com os trabalhos que se produzem à luz desses campos de investigação.

REFERÊNCIAS

ARRUTI, José Maurício A. **Mocambo**: antropologia e história do professor de formação quilombola: Bauru: Edusc, 2006.

BRASIL, Congresso Nacional. **Lei Federal 4.887/2003**. Brasília, 2003.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

MAIA, Joseane. **Herança quilombola Maranhense: história e estória**. São Paulo: Paulinas, 2012.

O'DWYER, Eliane Cantarino (org.). **Terra de Quilombos**. Associação Brasileira de Antropologia. Rio de Janeiro: Decania CFCH/ UFRJ, 1995.

SOUZA, Daiane; JARDIM, Drielly. Decreto 4.887/2003: constitucionalidade da regulamentação Quilombola. In: **Quilombos: territórios de memória e de identidade**. Brasília, 2012. Disponível em <http://www.palmares.gov.br/?p=19174>. Acesso em 22/nov./2016.